



Entre o moralismo cristão e a religiosidade popular em transformação: Ibiapina, as casas de caridade e os dilemas religiosos do século XIX.

**Autor: Prof. Diógenes Faustino do Nascimento¹
Coautora: Msa. Joselma Bianca Silva de Souza Mendonça²
Orientador: Prof. Dr. Carlos André Cavalcanti³**

Ibiapina – Advogado, Missionário e Mestre

Há 127 anos Paulino Nogueira⁴ publicava na Revista do Instituto Histórico do Ceará o primeiro documento biográfico sobre Ibiapina; e desde então sua vida e obra é objeto de pesquisa em Universidades e de mitificação⁵ pelo povo nordestino que visita o Santuário em Santa Fé.

Ibiapina atuou no nordeste do país entre 1856 e 1876 construindo hospitais, açudes, casas de caridade, cemitérios e igrejas promovendo a dignidade e a valorização das experiências humanas nas províncias da Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Ceará e Alagoas. Exerceu o sacerdócio aos 47 anos depois de tantas frustrações com a carreira política, jurídica e em constatar as injustiças sociais de sua região⁶. Foi professor de eloquência sagrada, História Sagrada e reitor no Seminário de Olinda em 1854, durante seu primeiro ano de sacerdócio. Segundo Eduardo Hoornaert

¹ Mestrando em Ciências das Religiões. Licenciatura plena em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- CE/Unavida- JP. Leciona História Geral e do Brasil na Unavida - João Pessoa/PB; Filosofia na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba. Membro do Grupo Videlicet de Estudos em Religiões, Intolerância e Imaginário –UFPB/PPGCR. E-mail: diogenesnascimento@hotmail.com. Este artigo é parte resumida de um capítulo em construção da dissertação do mestrado orientada pelo Prof. Dr. Carlos André.

² Graduanda em História-UEPB, Mestre em Ciências das Religiões- UFPB. Membro do Grupo Videlicet de Estudos em Religiões, Intolerância e Imaginário –UFPB/PPGCR. E-mail: biancabt24@hotmail.com

³ Doutor em História, Professor Associado do Depto. de Ciências das Religiões, do PPGH e do PPGCR da Universidade Federal da Paraíba; Áreas de atuação: Ciências e História das Religiões ; Líder dos Grupos Videlicet (PPGCR) e Officium (PPGH) de Estudos em Ciências e História das Religiões. Orientador do projeto de dissertação do mestrado em Ciências das Religiões de Diógenes F. do Nascimento- carlosandrecavalcanti@gmail.com

⁴ Paulino Nogueira é percebido como o primeiro biógrafo de Ibiapina ao publicar em 1888 na RIHC, nº 2, p 157-220. (apud Carvalho, 2008, p. 17)

⁵ A partir da ótica de Mircea Eliade passo a usá-la para dizer que suas obras e sua biografia é constantemente revivida, reatualizada, afim de resgatar uma experiência da qual não vivenciaram “in illo tempore”; é uma busca por uma experiência religiosa aberta e capaz de sacralizar o real perceptível.

⁶ COMBLIN, 1993; HOORNAERT, 2006.(Apud LIMA,2011)

as desilusões com a intervenção dos coronéis na política local, com o magistrado e a advocacia levaram Ibiapina a retirar-se de cena por três anos (1850-1853)⁷.

Ernando Teixeira (2008)⁸ comenta esse período como sendo o mais determinante da vida do missionário. Para Ernando esse foi um período que serviu para analisar e aferir suas reais intenções vocacionais. Hoje esse ato é chamado de “deserto” mas na época era dito “pedra de toque”⁹. Ao escrever sobre a Carta de José Antônio de Maria Ibiapina¹⁰, a Profa. Dra. Danielle Ventura¹¹ chama nossa atenção para percebermos na fundação das Casas e do périplo catequético os elementos característicos do agir do padre Ibiapina e que lhe possibilitava reunir milhões de pessoas entorno das suas obras e palavras. Percepção que levou a ser conhecido como “O missionário do nordeste”, termo apregoado por José Comblin¹²:

Era um dos mais marcantes de sua geração, não pelo nome da família, mas pelo valor pessoal e pela ascensão social que tinha conseguido no meio de tantas adversidades[...]. Em lugar de uma brilhante carreira eclesiástica, escolheu o mundo dos pobres[...] fez com toda liberdade, a opção pelos pobres. Não como quem não tem outra opção possível, mas como quem tinha todas as portas abertas na sociedade do seu tempo[...]¹³

Ao analisar a influência da religiosidade popular a partir das pregações do Pe. Ibiapina e dos seus biógrafos é possível supor os efeitos e as influências do diálogo e das pregações de Ibiapina no cotidiano do público alvo das missões, as fontes inspiradoras das práticas missionárias do beato e

⁷HOORNAERT, Eduardo. 5 reflexões sobre o padre Ibiapina: in: http://www.adital.com.br/site/noticia_imp.asp?lang=PT&img=N&cod=56034. Acesso em: 10, set. 2014.

⁸ Carvalho, Ernando Luiz Teixeira de. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba, Mestre em Ciências da Educação- Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, Teólogo e Doutor pela Universidade Gregoriana de Roma. Autor da obra: *A Missão Ibiapina*. Passo Fundo: Berthier, 2008.

⁹ “... qualquer pedra dura e escura usada pelos joalheiros para avaliar a pureza dos metais” (Carvalho, 2008, p. 31)

¹⁰ CARTA de José Antonio de Maria Ibiapina escrita em 23 de março de 1875 em Santa Fé para o público em geral, analisada no artigo *A Mitocrítica* da Profa. Dra. Danielle Ventura como abordagem metodológica sobre a conduta moral do Padre Ibiapina

¹¹ Mestre em Ciências das Religiões pela UFPB, Doutora em ciências da religião pela PUC-GO.

¹² Fundador e orientador de vários movimentos de Missionários(as) leigos(as), fundou um seminário rural para formar os membros das Comunidades de Base (CEBs) sob uma orientação conhecida como “Teologia da Enxada”.

¹³ COMBLIN, José. *PADRE IBIAPINA A CAMINHO DA SANTIFICAÇÃO*. in *Vida Pastoral*, n ° 183, julho-agosto, p. 21-26. 1996.



das fontes que fomentaram uma nova Teologia. Ibiapina trazia consigo uma experiência própria que o colocava em destaque e a frente do seu tempo. Analisando o período que esteve em busca de um significado para sua existência, e se utilizando das formulações de Eliade (2010) sobre mito e realidade, proponho observar a pessoa de José Antonio de Maria Ibiapina, como agente de uma ontofonia¹⁴ e que por meio dessa experiência se abre ao mundo que o rodeia unindo o *dizer ao fazer* através das obras de caridade: cemitérios, açudes, orfanatos, hospitais. Passando a contrapor-se à filosofia e à política do seu tempo ao mesmo tempo que conseguia conciliar-se com a elite em favor de recursos para as obras das missões. Vejamos,

No ano de 1863, foi o nosso santo apóstolo chamado para pregar em Bananeiras[...] tendo sido recebido por quase todos os habitantes do lugar, que o acompanhando com os corações fartos de prazer, cantando louvores ao Sagrado Coração de Jesus e de Maria [...]. A estas palavras não esperadas, o povo começou a formigar de todos os lados e de dia em dia aumentava[...] que enfim se tornou um número de oito mil pessoas, pouco mais ou menos. Começou a missão[...]. Sendo aceito pelo povo, começaram-se os trabalhos dos alicerces[...]. Bem se pode avaliar o grande tamanho da matriz, que talvez seja a maior que haja na Província” (apud CARVALHO, 2008, p. 45).

[...] O povo como que encantado das sublimes virtudes e dos progressos que continuamente fazia o virtuoso Apóstolo, trazia-lhe esmolas de todo gênero, para efetuar-se o edifício que subia rapidamente, de sorte que no dia 2 de fevereiro de 1865 instalou-se a primeira Casa de Caridade do Cariri Novo[...]” (ide., p. 52).

Os resultados da missão em Porteiras[...] são resultados materiais a edificação da capela[...] O grande cemitério de que ali se sentia grande falta[...]. Uma cacimba muito boa e muito grande feita de tijolo e cal para guardar água[...] (ibidem, p. 65).

Os relatos acima demonstram claramente a influência do diálogo propagado por Ibiapina bem como sua penetração no inconsciente do povo das missões ao ponto de motivá-los a erguer com seus punhos obras antes inviáveis de serem executadas por falta de recursos econômicos e políticos. Nas citações das missões em Bananeiras denota-se o caráter e a importância da religiosidade popular no cotidiano daquele povo que sempre era

¹⁴ Termo descrito por Eliade como o momento no qual o ser religioso ao contemplar o cosmo descobre as diversas formas e modos do Sagrado e do seu ser e a forma como a sacralidade se revela nas próprias estruturas do mundo. ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano, 3ª ed, São Paulo, Martins Fontes. 2010. p 99.

adjetivado nas CCC¹⁵ como pobres e sofridos. O cronista da Missão em Porteiras continua – *Os resultados morais e espirituais são a mudança na face da sociedade que operou*. Com esta descrição o cientista das religiões fazendo uso de Eliade¹⁶ poderá dizer: “Para o homo religiosus, o essencial precede a existência”. Para a população nordestina que passavam de espectadora a agente nas missões, o essencial estava em suas necessidades primárias de subsistência como comer, beber, vestir-se, viver simplesmente. Aspecto contemplado por Ibiapina e não compreendido por algumas figuras do clero que recusava sua presença nas dioceses, caso que detalharemos mais adiante. Talvez essa percepção da realidade social tenha conduzido o padre a iniciar os atos religiosos atendendo às reais necessidades eclesiais e por essa via de diálogo conduzir o povo das missões ao seu intento – a obra social. Isso pode ser percebido em um relato feito pelo padre José Comblin à Revista Pastoral da Terra:

[...] Os sertanejos, sem água para beber, acorrem às regiões menos secas do brejo, onde estava a Casa de Santa Fé[...]. Um dia, as Irmãs vieram dizer ao Padre Ibiapina que, se continuassem dando de beber a todos os que chegavam, dentro de pouco não haveria água para ninguém. Padre Ibiapina reagiu: ‘Enquanto tivermos água, haverá para todos. Quando não houver mais, morremos de sede com eles todos’. Poucas semanas depois começou a chover. (“Padre Ibiapina a caminho da santificação”. n.º 183, julho-agosto, 1995, p. 21-26)

Carvalho, M. (2008, p 182) diz que alguns padres em certas regiões do país faziam uso de suas influências na estrutura organizacional do Império e dos seus conhecimentos acadêmicos para uso em benefício próprio. Fato este que não encontra amparo quando se analisa a biografia e as missões de Ibiapina. Afora as citações do início desse artigo que demonstram que o padre fez uma opção livre dentre tantas outras possíveis e mais hábeis e de menor esforço físico, esta última acima relativa a seca de 1877 exaure qualquer dúvida sobre o tópicos da sua obra missionária.

As Casas de Caridades (CC), num total de 22, eram ambientes de formação completa se analisadas aos olhos dos Pioneiros da Educação

¹⁵ HOONAERT, Eduardo. *CRÔNICAS DA CASAS DE CARIDADE FUNDADAS PELO PADRE IBIAPINA*. São Paulo: Loyola, 1981.

¹⁶ ELIADE, Mircea. *MITO E REALIDADE*. São Paulo: PERSPECTIVA. 1972. p. 68.

Nova¹⁷. Para Mariz¹⁸ essas CC eram centros de formação com curso de alfabetização, de prendas domésticas, prática agrícola, ofícios de artes além das ordinárias práticas religiosas que garantiam o equilíbrio laboral e espiritual fomentado por seu fundador. Dom José Maria Pires, também seguidor e editor das obras e vida do mestre apóstolo nos afirma:

[...] que se Ibiapina dispusesse dos recursos e assessoria que ele dispunha na época teria se tornado não só o pai dos pobres que o foi, mas o prócere de uma profunda transformação social dos males sociais que combatia e dos obstáculos à superação do subdesenvolvimento” (Padre Ibiapina e a Igreja dos pobres. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 19.)

Se a situação da sede da Província da Paraíba desse período era marcada por tamanho abandono social constatado pelos registros da Casa da Misericórdia na sede da Província da Paraíba que dispunha de nove expostos (feridos) que eram deixados na “roda dos enjeitados” e amparados pelas congregações religiosas¹⁹, poderíamos supor o quão dificultosa e árdua era a tarefa de abrigar 200 pessoas como fora a situação na Casa de Santa Fé entre 1880 e 1883, esta Casa é citada por Ernando como a mais desprovida dentre as Casas (Carvalho, 2008, p. 117). Outro documento que nos serve de referendo é o próprio Estatuto das CC:

“Art 5º - Além das orphans a caza poderá receber algumas mulheres para o trabalho, havendo na caza em que empregá-las. [...] Art. 7º - Serão ensinadas em doutrina e a ler nas horas vagas de trabalho.” (apud Mariz, 1997, p. 283)

“Sem Pai, sem Mãe, sem ninguém, Enjeitado cruelmente. Na roda me atiraram. Como se não fora gente” (Ibiapina: o enjeitado. apud Mariz, 1997, p. 231)

Em seus momentos de reflexão a preocupação com os mais desvalidos ressurgia em seus poemas. Assim Ibiapina revela sua real intensão em cuidar do corpo e da alma, sacralizando o profanizado (corpo físico) por meio do abandono social. Como já citado nos objetivos das CC expresso no mesmo

¹⁷ Movimento que surgiu no início do século XX no Brasil, assinado por vinte e seis educadores que propunha uma virada educacional no sistema de ensino brasileiro, dentre eles destaque para o teólogo Plínio Salgado, Anísio Teixeira, Paulo Freire, Darcy Ribeiro, Cristovam Buarque e na Paraíba com A escola do Campo de José Comblim, (nota do autor do artigo). cf. Fernando de Azevedo... [et al.]: Manifestos dos pioneiros da Educação Nova 1932 e dos educadores 1959. Recife: Massangana, 2010.

¹⁸CELSONO, Mariz. *IBIAPINA, UM APÓSTOLO DO NORDESTE*. 3ª ed, João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1997. p. 205, 210, 257, passim.

¹⁹ CARVALHO, José Murilo de. *A CONSTRUÇÃO DA ORDEM: A ELITE POLÍTICA IMPERIAL. TEATRO DE SOMBRAS: a política imperial*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. p. 169 .



Estatuto, essas deveriam receber as crianças órfãs de 5 a 9 anos sendo pobres e desvalidas (Art. 2º).

Aos 70 anos uma paralisia afasta Ibiapina das suas obras e de celebrar a missa. Faleceu aos 77 anos, sendo 20 dedicados ao povo do nordeste e assim como escolheu por onde começar sua missão, também escolheu onde terminar – A Casa de Santa Fé em Arara na Paraíba.

Ibiapina e os dilemas religiosos do século XIX

Tendo esclarecido alguns aspectos necessários à compreensão da temática central do nosso objeto de pesquisa, passemos então a analisar os dilemas religiosos enfrentados por Ibiapina e pouco compreendido e ou pouco estudado por aqueles que já trataram do tema Ibiapina. Dessa forma consideremos também, o seguinte:

A existência pré cristã é formada por uma estrutura ontológica que tem diversos momentos. E o fundamental é a compreensão do ser. Uma compreensão que abarca a totalidade pela qual compreendemos o mundo enquanto tal[...]. O mundo é o lugar onde se pode exercer a transcendência cristã. O mundo novo e a transcendência cristã são ontologicamente fundados nessa abertura ao mundo cristão em sua totalidade, ou seja, uma compreensão sobrenatural do ser[...]. Uma compreensão ôntica e existencial²⁰

Mircea Eliade define como o ser-no-mundo (o sagrado e o profano), o mundo enquanto morada do ser e que oferece sentido ao seu existir (1999, p. 43, 61, 97).

No entanto, a posição oficial da Igreja local é inversamente contraditória com essa essência da filosofia cristã. E por quais motivos a Igreja no Brasil destoa ou destoava tantos de suas origens e das orientações de seus precursores? – “[...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Desses dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.” (Mt, 22; 30). Em 1863 Dom Luiz, bispo de sobral, expulsou Ibiapina de Sobral e da região norte do Ceará e em 1869, ele foi proibido de administrar as Casas de Caridade do local. Poderíamos supor que a causa de tal ato não passaria de um ato pessoal do bispo que via em Ibiapina um eminente concorrente eclesiástico; pois era comum que com as crises do Império alguns religiosos mais

²⁰ DUSSEL, Henrique D. *HISTORIA DE LA IGLESIA EM AMÉRICA LATINA*. In: Colección El sentido de La Historia, nº 5. Barcelona. Edt. Nova Terra, 1972. p.20 – tradução livre do autor do artigo)



afeiçoados com o povo passassem a serem tidos como lideranças, além da instabilidade da Igreja no Brasil que se encaminhava para o fim do padroado, as ressurgentes intrigas do clero por cargos eclesiásticos e com os constantes embates com a maçonaria²¹.

Um outro fator que deve ser considerado e pesaria contra Ibiapina e suas práticas religiosas é ter seu nome relacionado ao grupo dos padres revolucionários imbuídos dos ideais iluministas. Sua formação acadêmica no Recife foi influenciada pelos ideais da revolução francesa. Em 1817 três sacerdotes do bispado de Olinda (Miguelinho, João Ribeiro e Roma) tinham sido fuzilados em Salvador por suas ideias em prol da independência do Brasil (Hoonart, 2008); seis anos depois Ibiapina chega ao convento; seu pai participou da manifestação de 1824 jurando a República do Equador (Carvalho, 2008, p. 26). Essas ilações parecem ter um peso maior quando se revisita a historiografia de Ibiapina em seus posicionamentos nas questões que defendeu enquanto advogado, juiz, deputado federal, chefe de polícia.

Embora 41 padres²² tenham seus nomes relacionados com as revoltas de 1789, 1798 e 1817; a participação do Missionário nas que se seguiram é apenas meras especulações.

Teria Dom Muniz visto em Ibiapina um Miguel Hidalgo²³? Ernando Luiz afirma que no mais ele (Ibiapina) teria convivido em um ambiente onde ainda se respirava os ares da revolução de 1817. Quanto as demais, especificamente a confederalista de 1824 o mesmo se encontrava no Ceará e também não teria presenciado a execução de Frei Caneca (2008, p. 27).

Então como a Igreja se pronunciava oficialmente sobre tais práticas religiosas? Quais foram as doutrinas promulgadas pela Igreja Católica?

No tempo das Missões e da fundação das Casas de Caridades pelo Apóstolo Ibiapina a Igreja Católica Apostólica Romana foi administrada e

²¹ CARVALHO, M. 2008. p. 180 e 189.

²² Idem, p. 185.

²³ O padre Miguel Hidalgo era um sacerdote crioulo de uma pequena cidade do México chamada de Dolores. Com os ideais iluministas na mente liderou uma insurreição com aproximadamente 80 mil pessoas denominada de *Grito de Dolores*. Com o estandarte de Nossa Senhora de Guadalupe a frente o povo marchou até a cidade do México reclamando melhores condições de vida. Em 1811 ele e seus líderes foram capturados e executados. (E. Gonzalez, Ondina. *CRISTIANISMO NA AMÉRICA LATINA: UMA HISTÓRIA*. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 191.)



comandada pelo Papa Pio IX (1846 a 1878) sendo o seu sucessor e administrador o Papa Leão XIII. Nessa época vigorava as regras estabelecidas no Concílio de Trento. Gonzalez nos relata que a Igreja apoiava plenamente a escravidão negra, fato já conhecidos por todos os historiadores, e que os missionários regulares costumavam viver independentes do Império levando-os a utilizar mão de obra escrava nas lavouras e na pecuária como forma de garantir essa autonomia financeira (Gonzalez 2010, p. 193); algo raro de notar era perceber um padre agir em defesa dos escravos.

Com o pontificado de Pio IX a Igreja Católica passa por uma reforma reacionária buscando desvincular-se da dependência ao Império e do envolvimento dos padres na política e assim fortalecer os laços de fidelidade clerical. Motivo de choque com o Império que insistiu em não abrir mão do controle da igreja justificado pelo baixo custo da mão de obra burocrática dos clérigos na estrutura administrativa do império. Carvalho, M. (2008, p. 146) expõe e compara esses custos em um quadro onde se percebe que os ganhos dos clérigos se assemelham aos do Juiz de Direito que se iguala ao do Bispo que é de 3.6005\$ e de 1.800\$ para o promotor que é igual ao custo de um Arcebispo. Note-se que um cabo do exército percebe mais que o Arcebispo. E se pensarmos imaginariamente a estrutura administrativa como sendo uma flecha, o clero representaria a parte final da madeira que segura e sustenta a ponta de ferro (Carvalho, M., 2008, p. 155). Daí notamos a importância estrutural e econômica do clero no Brasil oitocentista.

Ibiapina também é contemporâneo do pontífice Leão XIII autor da Rerum Novarum publicada em 1891 que postula uma doutrina social e econômica da Igreja frente a situação de miséria na qual se encontravam os trabalhadores.

Considerações finais

Considerando que o preambulo à questão está posta, seguiremos as considerações relativas a temática que nos propomos analisar – Entre o moralismo cristão e uma religiosidade popular em transformação, tomando

as Casas de Caridades de Ibiapina no século XIX como objeto para essa análise.

Percebemos que esses dilemas se encontravam muito mais na mente daqueles que regiam a Igreja local e a forma como os interpretavam. Para o povo das missões e para o Missionário as questões não lhes eram conhecidas e se as conheciam não demonstravam claramente. Inexistia em suas mentalidades qualquer tipo de conflito religioso entre suas práticas cristãs e seu comprometimento com a instituição religiosa. Mesmo quando um evento parecia estranho ao seu cotidiano tal relação não era denotada como foi o caso ocorrido no dia 8 de dezembro de 1874²⁴. A religiosidade popular vivenciada pelo povo da missão de Ibiapina é facilmente compreendida pela ótica cultural como afirma Vilhena²⁵ ao definir a religião enquanto cultura:

[...] na centralidade da cultura popular, no meio do povo simples, a religião continuou a ser instância de consolo, justificação, sentido, significação, salvação, não raramente resistência e oposição a opressores de toda a sorte. (2005, p. 46).

A zona do agreste é uma área intermediária entre o litoral e o sertão, uma região de passagem para o gado ou para os produtos destinados a manutenção dos engenhos e quase sempre sem perspectivas de desenvolvimento industrial.

Os cantos, as orações, as missas, os mutirões para construção de açudes, cacimbas, cemitérios e das Casas de Caridades se tornam elementos existenciais na vida dos beatos e beatas, da gente miúda e da elite que acorriam às missões em busca de salvação, mas acima de tudo, de alento e felicidade. A miséria afligia muitos mais a gente miúda, mas também os senhores de engenhos e fazendas que eram intimados pelo apostolo Ibiapina a se redimir de suas culpas por meio de indulgências e penitências.

Se por um vértice eclesiológico dogmático a Igreja pretendia, através de alguns dos seus clérigos, incutir na memória e no cotidiano dos seus seguidores uma fidelidade institucional fundada em máximas sem amparo lógico e cristológico; em algo que não encontra amparo nos primórdios da

²⁴Carvalho (2008, p. 118, 119) relata uma suposta prisão de Ibiapina o que não aconteceu, além de uma menção a revolução do quebra quilo.

²⁵VILHENA, Maria Angêla. *RITOS: EXPRESSÕES E PROPRIEDADES*. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 46. A autora faz essa análise em confluência com os desafios e estigmas da modernidade.

religião e do cristianismo. Estamos falando de uma corrente da igreja que pretendia manter viva as mesmas práticas medievais de doutrinação pelo medo, que conduzia solenemente seus questionadores as fogueiras ou a excomunhão tridentina. D´outro nos deparamos com um sacerdote do povo que se utilizava da exegese e da hermenêutica bíblica sapiencial de cunho moral para assegurar a unidade de pensamento e de ideais nas Casas de Caridades. Impossível analisar o agir desse missionário nordestino sem considerar toda a sua trajetória de vida.

“[...] para se ter uma memória coletiva é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificando como proprietário daquela memória.” (HALBWACHS, 2004)²⁶

Nesse aspecto o povo das missões assumia para si os mesmos ideais e partilhavam das mesmas circunstâncias sociais ao ponto de encontrar nessa devoção um ato capaz de identificá-los visivelmente no meio de uma sociedade tão dispersa:

[...] com o fim de provar religiosa abnegação, não se lhe davam mais a conservar seus nomes pelos quais eram conhecidos [...], colocavam adiante de seu primeiro nome o de Maria [...] (Mariz, 1997, p. 70)

E assim a religiosidade popular assume mais uma vez a função de consolo e de justificativa, significando uma união identitária entre seus membros e seguidores. Para DURKHEIM²⁷, essa prática reflete uma ideia de religião associada a de igreja (comunidade moral, ambiente social que une todos os que compactuam das mesmas práticas e crenças).

Tentar compreender as normas morais proferidas por Ibiapina em seus sermões, as regras e o estatuto das Casas de Caridade, sua postura em relação a mulher; sem averiguar sua formação acadêmica, sua trajetória familiar, seus posicionamentos na vida pública e sobre tudo a situação social em que se encontrava as cidades onde pregou as missões. No mínimo, estaríamos analisando equivocadamente suas atitudes e ações tal qual teria feito o bispo de Sobral.

Nas Máximas Morais, ou orientações oferecidas por cartas as irmãs e beatas, Ibiapina destacava de forma pejorativa a mentira, a vaidade, a

²⁶ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 2004. p. 76.

²⁷ DURKHEIM, Émile. *AS FORMAS ELEMENTARES DE VIDA RELIGIOSA* (1912). 3ª ed. , São Paulo: Paulus. 2008. p.20.

preguiça, a fofoca e enfatizava a necessidade salutar de praticar a caridade e o amor ao próximo, a comunhão e a confissão.

“Coração tranquilo é vida para o corpo, mas a inveja é cárie nos ossos
(Pr. 14.30).

“O seu discurso se preocupa com a manutenção da ordem, da disciplina, do trabalho sério e produtivo e do atendimento aos pobres. A disciplina, o silêncio, o trabalho árduo e a doação plena resultarão em benefício social”²⁸ (LIMA, 2011, p. 09). Colantoni²⁹ ao comentar Nietzsche (1998, p. 87)³⁰ quanto a moral sugere que ela deve ser vista e analisada em suas confluências e objetividades, e ainda diria que também requer uma contextualização histórica e social:

[...] ‘existe em nós um imperativo categórico’, sempre se pode perguntar: o que diz uma tal afirmação sobre aquele que a faz? Existem morais que pretendem justificar perante os outros o seu autor; outras morais pretendem acalmá-lo e deixa-lo contente consigo mesmo; com outras ele quer crucificar e humilhar a si mesmo; com outras ele quer vingar-se, com outras esconder-se, com outras quer transfigurar-se e colocar-se nas alturas; essa moral serve para o autor esquecer, aquela, para fazê-lo esquecer de si mesmo ou de algo de si; alguns moralistas gostariam de exercer sobre a humanidade seu poder e seu capricho criador; alguns outros, talvez Kant entre eles, dão a entender com sua moral: ‘o que merece respeito em mim é que sou capaz de obedecer – e com vocês não será diferente!’ [...]

Assim consideremos a religião como um dos elementos identitários da cultura de um determinado povo e como tal se revela enquanto ideologia religiosa para certos observadores, pesquisadores e mesmo para seus adeptos; podendo ser utilizada como instrumento de poder e dominação.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder se assegura no capital econômico, tem em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por meio de intermédio dos ideólogos conservadores (BOURDIEU, Pierre. O Poder do Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand.1989. p.13)

Seria então possível, segundo Boudieu, afirmar que o produto de interesse desse coletivo religioso é tendenciosamente de caráter universalizante ao se apresentar distinta das demais desmobilizando e distorcendo a integração real de um referido conjunto de classes como instrumento legitimador de sua dominação. Ou seja, a cultura estabelecida

²⁸ LIMA, Danielle. Padre Ibiapina e os excluídos. *PARALELLUS*, Recife, ano 2, n. 3, jan./jun., p. 21. 2011

²⁹ COLANTONI, Ana Gabriela. *A CULTURA E SUA INFLUÊNCIA SOBRE O ESTUDO DA MORAL*. In: Religião, política, poder e cultura na América Latina. São Leopoldo, 2012. p. 519

³⁰ NIETZSCHE, F. *ALÉM DO BEM E DO MAL – prelúdio a uma filosofia do futuro*. Paulo Cesar de Souza (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



tanto pode dominar quanto ser dominada dependendo do distanciamento que se estabelece com o agente dominador.

Toda norma válida tem que preencher a condição de que as consequências e efeitos colaterais que previsivelmente resultem de sua observância universal, para a satisfação dos interesses de todo indivíduo possam ser aceitas sem coação por todos os concernidos (Habermas, 1989)³¹

Talvez esse seja nosso aporte teórico para uma compreensão plausível a essa questão. As questões que limitaram uma ação mais eficaz e que garantissem a continuação das ações e obras de Ibiapina se estabelecem exatamente nos meios utilizados por seus críticos em manter seus sistemas de submissão senhorial, religiosa e imperialista; enquanto que Ibiapina se utilizava dessas mesmas ferramentas simbólicas de poder objetivando assegurar os meios econômicos vitais aos que vieram em busca do seu auxílio para resistirem a sede e a fome, ao abandono e aos açoites, ao sionismo e a banalização da dignidade do corpo aos prazeres carnis dos senhores de engenhos as espreitas nas estradas e açudes. Livrando-se de gerar mais um enjeitado para a roda dos enjeitados.

Assim sendo, a religiosidade popular permanece viva nos devotos de Ibiapina, tornando-se condição essencial resultante da universalização dos interesses dos indivíduos ao consentir livremente em participar de uma nova práxis cristã pertinente aos anseios do povo de cada tempo em seus espaços e territorialidades.

Referências:

CARVALHO, José Murilo de. *A CONSTRUÇÃO DA ORDEM: A ELITE POLÍTICA IMPERIAL. TEATRO DE SOMBRAS: a política imperial*. 4ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ELIADE, Mircea. *O SAGRADO E O PROFANO*, 3ª ed, São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOMES, Romeu. *ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS DE PESQUISA QUALITATIVA*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 25ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

³¹ Habermas, Jurgen. *CONSCIÊNCIA MORAL E AGIR COMUNICATIVO*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1989. p. 147



HOORNAERT, Eduardo, at Ildefonso Silveira. **CRÔNICA DAS CASAS DE CARIDADE FUNDADAS PELO PADRE IBIAPINA**. São Paulo: Loyola, 1981.